

„Nossa Esperança“- Uma profissão de fé em nosso tempo (2).

“Nada exige tanta fidelidade como a mudança de vida”. Assim começa o segundo parágrafo da introdução da Declaração sinodal “Nossa Esperança” das dioceses da Alemanha. Isto vale para todos os países, todas as instituições, vale também para a Igreja, particularmente nestes dias, marcados pela renúncia do Papa Bento XVI. Esta notícia caiu como bomba no dia 11 de fevereiro e percorreu o mundo. Isto aconteceu pela última vez 700 anos atrás, exatamente em 719, no ano 1294 com Papa Celestino V. A possibilidade existe; está prevista no Códex Juris Canonici de 25 de janeiro de 1983 no Cãnon 332 §2: “Se o Papa renunciar a seu pontificado, este ato será válido, contanto que seja livre e suficientemente justificado, porém, que não seja aceito por ninguém.” Apesar disso, o ato foi extraordinário, talvez único pensando no futuro. O julgamento rápido do Cardeal Dziwisz da Polônia: “da cruz não se pode descer”, com certeza não foi iluminado. Ninguém – nem mesmo o Papa – pode e deve “morrer publicamente” como fez o Beato João Paulo II.

Deste 2005, o Papa, com quase 86 anos de idade, exerceu o serviço de Primeiro Pastor da Igreja. A mídia falou e julgou sobejamente seu pontificado. Seu sorriso sempre foi reservado porque a época em que ele dirigiu a Igreja foi muito difícil. Descrever todas as agruras de seu Pontificado nos levaria longe demais, além disso, tudo está registrado em outro lugar. Resta-nos agradecer sua disponibilidade e seu serviço. Fica também o agradecimento pela sua decisão, porque: “Nada exige tanta fidelidade como a mudança vivida”. Mesmo assim, se doravante ele quiser viver escondido do mundo, ele estará dando este testemunho: “Nada exige tanta fidelidade como a mudança de vida”.

À mudança de vida, corresponde a “prontidão para dar contas da esperança que nos anima” (cf 1Pd 3,15) Todo cristão (inclusive o papa) é a isto chamado.

Vivemos num tempo em que se colocam muitos questionamentos. Somos uma igreja chamada a dar resposta para não

escamotear a “perda de sentido da vida e da força consoladora da fé cristã”.

Não se trata de uma ou outra reforma na Igreja, “se a cada dia ela se depara com a suspeita de que o cristianismo responde somente com palavras e fórmulas ultrapassadas às questões e angústias, aos conflitos e esperanças de nosso mundo, à dolorosa falta de sentido da nossa vida, e das nossas histórias de sofrimentos individuais e sociais”. Não se trata de uma “auto defesa teimosa, mas de uma visão crítica de si mesmo por parte do cristianismo e da Igreja, “para que o nosso testemunho se transforme num convite à esperança”. Uma teimosa autodefesa fecha o caminho da mudança e não pode ser confundida com fidelidade. A fidelidade exige coragem de realizar a mudança que, quanto mais adiada, mais difícil se torna. Será que a idade do Papa enevoou a juventude do teólogo do Concílio?

Francisco foi um homem que suscitou a esperança. Sua mudança consistiu na coragem de começar de novo. Sua fidelidade consistiu em viver de maneira radicalmente diferente na Igreja: com ousadia ele foi sinal através da vivência radical do Evangelho, uma vida em fraternidade e em comunhão com a criação. Para isto, despiu suas vestes jogando-as para o pai e encontrou abrigo para sua nudez sob o manto do bispo. Sua esperança orientou-o para dentro, e não para fora da Igreja. Como foi dura sua fidelidade: mudança radical para uma vida em penitência!

Talvez devamos devolver à palavra “penitência” o sentido original. Penitência não significa esta ou aquela forma de auto-mortificação, presumindo com isto a auto-salvação. Penitência significa “dar conta de nossa esperança” (1Pd 3,15): “na unidade de sentido e de ação, de pensamento e de prática, para que também nosso testemunho se transforme em convite à esperança”. O Papa emérito Bento XVI está pronto esta prestação de conta e para este testemunho. Por isto, seu exemplo dele é marcante.

Hadrian W. Koch OFM

Perspectivas franciscanas

Anton Rotzetter OFMCap



Contra o tradicionalismo: Uma consciência histórica comprometida com o presente e o futuro.

“A principal tarefa do Concílio consistiu em guardar e explicitar o “santo depositum” da doutrina cristã, com métodos mais eficazes.

Mas, para que esta doutrina atinja os múltiplos níveis da atividade humana, que se referem aos indivíduos, às famílias e à vida social, é necessário primeiramente que a Igreja não se afaste do patrimônio sagrado da verdade, recebido dos seus pais e mães; e, ao mesmo tempo, deve também olhar para o presente, para as novas condições e formas de vida introduzidas no mundo hodierno, que abriram novos caminhos ao apostolado católico.

O XXI Concílio Ecumênico, que se aproveitará da eficaz e importante soma de experiências jurídicas, litúrgicas, apostólicas e administrativas, quer transmitir pura e íntegra a doutrina, sem atenuações nem subterfúgios, que por vinte séculos, apesar das dificuldades e das oposições, se tornou patrimônio comum da humanidade. Patrimônio não recebido por todos, mas, assim mesmo, riqueza sempre ao dispor dos homens de boa vontade.

É nosso dever não só conservar este tesouro precioso, como se nos preocupássemos unicamente da antiguidade, mas também dedicar-nos com vontade pronta e sem temor àquele trabalho hoje exigido, prosseguindo assim o caminho que a Igreja percorre há vinte séculos.

Uma coisa é a substância do « depositum fidei », isto é, as verdades contidas na nossa doutrina, e outra é a formulação com que são enunciadas, conservando-lhes, contudo, o mesmo sentido e o mesmo alcance”. (João XXIII. Na abertura do Concílio: Herderkorrespondenz 17 (1962/63), 85-88)

Talvez, a incompreensão, que hoje em dia se constitui a prova de fogo na Igreja, não se situaria já, na escolha das palavras por parte do Papa? Poder-se-á falar de “depositum”, tratando-se de fé? Trata-se, realmente de uma “herança”, uma coisa objetiva que temos à nossa frente e que é preciso transmitir intocada, intacta e sem marcas. Tratar-se-á de teorias e dogmas ou doutrinas que devem ser transmitidas?

Podemos estabelecer a diferença como o fez João XXIII: De um lado o conteúdo de uma frase e do outro a maneira de expressá-lo. Não será possível expressar o atemporal em formulações condicionadas pelo tempo, vesti-lo à maneira atual?

Ainda que as palavras do Papa do Concílio tenham representado um avanço, é preciso se perguntar: Será que fé não vai além de uma questão do coração? Deve-se enfatizar o coração, como o lugar por onde flui a tradição? O fluxo se transforma em vida quando penetra o coração? E a tradição não ficará marcada pelos corações pelos quais vai fluindo?

Eu fui criado no ambiente que se dizia católico, estudei a teologia tradicional, inclusive a escolástica, mas ela não me tocou. Quando, em 1968, mergulhei nas turbulentas ondas das manifestações estudantis, esta teologia vazou pelo ralo. Ela morreu dentro de mim para ressuscitar de forma nova. Mais tarde, eu experimentei meu poder de usar bem a língua bem

como a capacidade de articular a fé cristã de maneira nova. Desde então, tenho a convicção de que o dogma deve antes ecoar no coração, antes que a mensagem que ele esconde, apareça como fogo e chama. Para a proclamação dos textos litúrgicos, criei a expressão de „reprodução criativa“: Tudo o que se proclama, deve antes ser interiorizado e, só depois, ser apresentado.

Assim pode ter acontecido com Francisco de Assis na descoberta do Evangelho como forma de vida. Os textos lidos e explicados há mais de mil anos, se transformaram nele em nova prática convincente e surpreendentemente inusitada que fascinou todo o século XIII e continua vivo e atual, se não for. Com a condição que não seja considerado uma herança objetiva a ser transmitida sem mudança para a posteridade.

Neste ponto dá para perceber o limite entre a tradição e o tradicionalismo. Este não tem vida, porque simplesmente venera o passado e não nenhuma relação com o presente e muito menos com o futuro. A tradição, pelo contrário, é uma fonte viva, que corre sobre a campina e continuará fluindo no futuro. A tradição é o presente vivo e promessa de futuro.

Isto posto, pode-se compreender porque o CCFMC tem sua parte de controvérsia. Para os tradicionalistas ele representa uma traição, mas para nosso tempo, tanto na linguagem como no método – ele é a vida que nos vem do passado e também um apelo à memória de uma tradição que tem futuro.

“As palavras, frequentemente superficialmente proferidas, os textos daqui e dali, até os textos dos não-crentes têm valor infinito para Francisco. O Verbo realmente “se fez Carne” Com as letras de qualquer texto pode escrever o Evangelho ou o nome de Jesus. Para o Francisco, o Evangelho de repente não é mais um texto aborrecido, um texto repetitivo, mas “Espírito e Vida”.(2Gl 3). Ele descobre o Evangelho para os pobres. (cf Test 12.; Cler 12; Ord 36; 1 C 82).

Tudo ganha um sentido novo através do encontro com o leproso. O desprezível se torna imagem concreta de Deus. Francisco se deixou formar e moldar assim. O encontro com o leproso e com a pobreza se tornaram a forma de vida para ele.

Seria acaso, surpreendente que os irmãos devessem fazer o noviciado no leprosário? (cf EP 9; 1 Cel 39).

A formação franciscana deveria acontecer hoje também, no mesmo espírito: em serviço aos aidéticos, às pessoas sem teto, às crianças de rua, usuários de drogas e outras pessoas excluídas da nossa sociedade (CCFMC, Subsídio 4, C 1.3)



América Latina

Paraguai

CCFMC- Certificado depois de três anos de estudo (2)

Irmã Irma Brítez Velázquez, Coordenadora do CCFMC do Paraguai nos fala sobre a formação de três anos sobre o curso do Carisma Missionário Franciscano (CCFMC) e do seu encerramento bem sucedido.



Em julho do ano passado 32 participantes concluíram com êxito o curso de três anos do CCFMC, recebendo o certificado. Três vezes por ano, durante três dias de cada vez, os estudantes se encontraram para trabalhar sistematicamente os subsídios do curso do CCFMC, bem como refletir os conteúdos traduzindo-os para a própria realidade com seus desafios.

Nas discussões vieram à luz as diversas considerações sobre a situação do Paraguai em geral, como também das regiões de origem dos participantes. Constatou-se que tanto na situação política e social do país como também no convívio fraterno percebem-se mudanças positivas.

Fortaleceu-se o compromisso dos grupos sociais nas comunidades e, como Família Franciscana, crescemos na consciência de que precisamos intensificar a comunicação e integração para vivificar a espiritualidade franciscana.

Os 32 participantes oriundos das diferentes dioceses do país, formaram já o segundo grupo de estudo. O primeiro grupo era formado por 42 promotores e animadores em suas respectivas congregações religiosas. Os dois grupos querem se encontrar uma vez por ano para uma troca de experiências.



CCFMC Centro

“O boletim é o veículo de circulação das notícias da Família Internacional do CCFMC. Através das informações, ele quer promover a participação dos irmãos e Irmãs que trabalham com o Curso, compartilhar as ações e experiências nos diferentes continentes, quer lembrar os acontecimentos importantes na Igreja e Ordem e transmitir o sentimento: pertencemos à mesma família, nós temos alguma coisa para dar; nós podemos aprender um do outro, mutuamente nos encorajar e enfrentar os desafios de nossa época.”

Queridas Irmãs e Irmãos!

Isto serve como lembrança. Nós estamos sempre interessados em receber relatórios e notícias de suas comunidades, sobre experiências com o CCFMC. Um vivo intercâmbio numa família é o Alfa e o Ômega de bons relacionamentos. Por isto nós nos alegramos sempre que podemos contar alguma coisa.

Africa

Nairobi / Kenia

Instituto Santo Antônio de Pádua de África (SAPIA) do Centro da Família Franciscana (Porciuncula)

O sonho se tornou realidade. No “Instituto Santo Antônio de Pádua de África” da Família Franciscana de Nairobi, começará em agosto deste ano, o primeiro curso da Espiritualidade Franciscana, com um ano de duração. O curso é aberto para irmãs e irmãos da Família Franciscana e para não-franciscanos. O objetivo é transmitir o carisma franciscano, numa programação sistemática de estudo com temas de formação, pesquisa e publicação em teologia, espiritualidade e vida espiritual do movimento franciscano. Irmã Lilian M. Curaming, FMM, Diretora e Coordenadora dos Estudos Franciscanos nos fala a respeito.



Há 15 anos, a Família Franciscana de Quênia construiu o Centro Franciscano de África. Desde o início, o objetivo do Centro é a promoção do Carisma Missionário Franciscano através do CCFMC, na África de língua inglesa. Começou realmente com grande entusiasmo e nos anos seguintes foi criando consciência de que somos uma família e temos a responsabilidade em comum. Foi o início

de um intenso trabalho conjunto. Mas outro desejo nasceu e foi tomando corpo: o de fundar na África um instituto próprio, no qual Irmãos e Irmãs da África pudessem ter uma formação acadêmica na Espiritualidade Franciscana. Para isto era necessário ampliar o Centro Franciscano. Graças ao imenso empenho e boas relações do Frei Hermann Borg, Coordenador do CCFMC para África de fala inglesa, conseguiu-se realizar este sonho. No 31 de março de 2010, o prédio novo foi entregue nas mãos da Família Franciscana. 28 quartos com banheiro completo, 4 salas de aula, cozinha, refeitório e sala de estar estão disponíveis para as Irmãs e os Irmãos que participam dos cursos e seminários.



Em agosto deste ano, começa a programação de estudo com duas ofertas:

- O programa de um ano com o certificado em Espiritualidade Franciscana e
- O programa de dois anos com o Diploma em Espiritualidade Franciscana.

Os dois programas são oferecidos em parceria com o Instituto de Espiritualidade e Ciências da Religião no “Tangaza University College” da Universidade Católica de África Oriental (CUEA) de Nairobi. Ela fica a 10 minutos da caminhada do Centro Franciscano.

Os estudantes que obtiveram diploma podem continuar estudando mais 15 meses e fechar os estudos com o “Bachelor de Artes” oferecido na Universidade de Tangaza, em parceria com o “DePaul University of Chicago” – com especialização em direção e gerência. Assim, os estudantes podem obter uma formação integral que os capacitará para assumir, com segurança, as tarefas futuras.



PS: Nós, do Centro CCFMC de Wuerzburg, só podemos parabenizar os irmãos e irmãs de Nairobi pelo início deste Centro de Estudo na África. E nós também sentimos um pouco de orgulho, porque é um fruto do CCFMC da África.

Sinais do tempo

Jejum em favor da Criação!

Andreas Müller OFM

Estamos no início da Quaresma. Oferecemos, então, uma reflexão para este tempo de reflexão. Que jejum faz sentido, hoje em dia, não se duvida, por diversas razões: saúde, a luta sofrida contra o peso, o poder libertador da desintoxicação. Tudo isto capacita as pessoas para renúncias surpreendentes.

Mas o jejum é mais do que uma recusa ao consumo excessivo, mais do que a preocupação com o próprio bem-estar. Trata-se de refletir sobre o que realmente importa, de concentrar-se sobre o essencial, de olhar com atenção para os sinais dos tempos, debruçar-se sobre os grandes temas e problemas, que afetam e mobilizam a humanidade.

O problema da mudança climática, - globalmente mais analisado em suas causas e efeitos – é sem dúvida o mais ameaçador. Temos pouco tempo para salvar o clima do mundo, alertam os cientistas. Se nos não conseguirmos mudar nossa vida e poluir menos o meio ambiente, o clima pode ficar louco. As calotas polares derreterão, alertam pesquisadores e pesquisadoras, grupos de ilhas desaparecerão no mar, tempestades e inundações se tornarão normais, por exemplo na Alemanha. Na Espanha ninguém resistirá ao sufocante calor.

Provavelmente existem céticos ambientais, que consideram estes cenários quadros de horror. Mas nem eles podem mais negar, que o clima mudou. E a grande maioria dos experts tem a convicção de que o ser humano, seu estilo de vida é a principal causa deste descontrolo climático. É por isso que devemos fazer tudo para proteger o clima.

É claro que existem muitas iniciativas, alianças locais e globais de ação, ONG´s (Organizações Não-Governamentais), civis e eclesiais que abraçaram esta causa como desafio existencial. Trata-se da grande tentativa de entregar para as próximas gerações a Mãe Terra, como espaço de vida, onde a uma vida digna seja possível para a grande maioria.

Apresentaremos, a seguir, algumas destas iniciativas e organizações, junto às quais poderemos nos informar – com muitos exemplos e propostas práticas, como podemos assumi-las, sem sermos chamados profetas do fim do mundo. Uma coisa deve ficar bem clara: “militante do meio ambiente” deve ser a marca irrenunciável daquelas pessoas que vivem a “espiritualidade da criação de Francisco de Assis”.

Misereor trata a mudança climática como tema principal da Ação da Quaresma deste ano:

<http://www.misereor.org/pt/misereor-org-home.html>

O documento de Gubbio de 1982

<http://www.linguee.de/deutsch-portugiesisch/uebersetzung/gubbio+dokument+.html>

